CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

ESTAS MEMÓRIAS...

Edgard Cavalheiro

Prefácio de *A Barca de Gleyre;* quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, p. V-XIII.

Quando, há cerca de um ano, Monteiro Lobato me proporcionou a leitura de um punhado de folhas datilografadas contendo parte da correspondência trocada com Godofredo Rangel, vi logo o originalíssimo livro que seria a sua reunião em volume. O livro sai agora e, não sei bem por que agradável desígnio, cabe-me a grande alegria de precedê-lo de algumas palavras. Neste pórtico deveria estar Godofredo Rangel — o assíduo correspondente, o amigo de tantos anos, aquele que acima de todos melhor poderia explicar a gênese e o desenvolvimento de uma amizade que constitui, dentro da nossa literatura, um caso original, único.

Caso único, na verdade, o talvez não só na história literária do Brasil. Cartas de escritores — aos amigos, parentes bem amados, colegas, etc. — são comuns. Os volumes da correspondência de Flaubert são em maior número que os da sua produção original. E ninguém desconhece as centenas de cartas de Victor Hugo à sua noiva. Mas uma troca de cartas entre dois amigos, e sobre o mesmo assunto, que tenha durado quarenta e tantos anos, parece-nos coisa inédita.

Se o fato em si é original, as conseqüências são originalíssimas. Pois aqui estão as "memórias" de um homem, escritas sem ele saber, compostas sem plano preconcebido, realizadas com um máximo de fidelidade e isenção de ânimo. Sa-

bemos todos como são falsas, duvidosas ou apaixonadas as histórias dos homens que escreveram sua própria vida.

Nem Santo Agostinho ou Kroptkin, Rousseau ou Goethe, escaparam ao perigo das "poses", dos "gestos" para a posteridade. Aliás, o próprio autor do *Fausto* reconhecia que só ironicamente podemos falar na primeira pessoa do singular. Uma coisa é preparar laudas de papel para encher com recordações do passado, mesmo com a mais pura das intenções. Outra, muito outra, é chegar ao fim de uma acidentada existência e receber de um amigo, com o qual nos carteamos durante quarenta e tantos anos, centenas e centenas de páginas, com os tipos de letras mais variáveis possíveis e os mais estranhos papéis, e verificarmos, que essas cartas nada mais representam senão a nossa própria existência, pormenorizadamente contada. Páginas amarelecidas pelo tempo, mas todas elas tão vivas pelo que revelam de duas personalidades. Uma — alma tímida e timorata, encaramujada em longínquos lugarejos, aparentemente satisfeita no ramerrão de uma vida sem tropeços, sem altos e baixos. Outra, inquieta, insatisfeita, buliçosa, desambientada em Areias ou Taubaté, em São Paulo ou Rio de Janeiro, ambicionando sempre campos mais vastos, passando por grandes experiências, precisando cair no bruhaha de New York para encontrar campo propício para os seus altos sonhos. Enquanto Godofredo se conforma ou parece conformar-se com a vidinha de juiz nos inacessíveis municípios mineiros, Lobato aventura-se na capital paulista, mete-se em negócios, chega a nosso adido comercial em Nova York, funda companhias para a exploração do ferro e do petróleo, numa eterna inquietação, numa febril atividade. São almas díspares, aparentemente nada têm de comum.

Um, espírito interiorizado, dominado por complexos de inferioridade, escrevendo muito (chegando a numerar romances com a facilidade com que o outro numerava contos) mas nada ou muito pouco publicando, nem quando o amigo, dono de uma editora e de uma grande revista, insiste nos originais. Outro, com grandes intervalos na produção; mas divulgando muito, até mesmo ligeiras notas de cadernos íntimos, pois algo cético por natureza, tem momentos de febricitante entusiasmo. Se o primeiro raramente se eleva e grita, o segundo está sempre gritando, e jamais aceitará situações intermediárias. Onde, então, o ponto de contacto a uni-los? Que estranho elo terá sido esse que os ligou tão intimamente? Em que regiões personalidades tão contraditórias poderiam tão harmoniosamente se encontrar? É fácil a resposta: ambos eram visceralmente literatos. A literatura que os uniu nas tertúlias boêmias do *Minarete,* manteve-os ligados para sempre. Como um visgo que neles grudasse, a doença literária não mais os deixou e, vítimas do mesmo mal, nesses amplos, estranhos e misteriosos domínios eles se irmanavam, numa fraternidade isenta de malícia, fonte perene de compreensão, encantamentos e alegrias insuspeitadas. As "belas le-

tras", como era hábito dizer, levou-os às primeiras conversas quando estudantes. Formados, seguiram destinos diversos. Mas o "vírus" estava inoculado e do mal literário poucos se livram a tempo, embora a ausência de ambiente e estímulo tornem a tendência quase sempre um martirológio.

É ainda com os pseudônimos da república de estudantes que trocam as primeiras cartas. O ano está recuado, 1903. E Lobato vai prevenindo: "Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente em cartas intermináveis; mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa".

Desde então não cessam as cartas. Muitos anos depois o hábito tornara-se uma segunda natureza. Não se tratava, porém, de uma amizade no sentido comum, dessas que exigem a presença física da pessoa querida. Reclamam, sem dúvida, visitas, planejam viagens em conjunto, convidam-se mutuamente. Mas não há uma necessidade por assim dizer orgânica do encontro pessoal, da conversa verbal. Tanto que Lobato podia acentuar que o hábito "de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangéis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangel epistológrafo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as idéias e as manhas"

De que tratam eles em tantas cartas? De tudo. Especialmente de livros e autores. De vez em quando uma ligeira incursão sobre assuntos domésticos, políticos ou sociais, mas a preocupação absorvente é quase sempre de ordem literária. Impressões de leituras, discussões em torno de obras, estilos, tendências. As leituras são muitas. Uma miscelânea de autores e assuntos, todos sofregamente devorados. Por vezes pequenas pausas. Enfarados, procuram produzir. Trocam então críticas, submetem um ao outro suas produções; estimulam-se, sem, no entanto, abdicar do direito de crítica.

Contando — numa linguagem despida de pretensões, sem o público como elemento controlador, sem outro censor que o amigo certo — suas inquietações espirituais, suas preocupações artísticas ou descobertas nos campos da estilística ou da filologia, Lobato vai traçando a linha seguida pelo seu espírito tanto no terreno do estilo propriamente dito, como no da concepção da arte, suas causas e efeitos.

O simples fato de não cortejar qualquer espécie de leitor permite-lhe abrir-se com a mais absoluta franqueza, com certa rudeza mesmo. Que importa se o que está escrevendo irá prejudicá-lo aos olhos do público? A carta é íntima, não chegará até mãos profanas. Isso não só valoriza imensamente estas "memó-

rias", como é a mais segura garantia da autenticidade dos sentimentos nelas expressos.

Aliás, nada comprova melhor este aspecto do livro do que as contradições, os vaivéns em que se debate o escritor. Sobretudo nos anos de formação, quando ainda em Taubaté ou Areias, tateia caminhos, procurando o gênero a que se dedicar, debatendo-se na incerteza da verdadeira vocação. As notas, neste sentido, são preciosas, e com elas podemos reconstituir a estrada percorrida até a publicação de *Urupês,* momento em que as cartas assumem outra feição e o escritor, abandonando a pacatez de uma cidade morta ou a vida sem grandes atropelos de uma fazenda, aventura-se aos altos negócios, transformando-se nessa coisa algo absurda para o nosso meio: o profissional da pena, o intelectual que faz da inteligência arma social, nobilitando o vocábulo até então pejorativo e quase somente aplicado a seres aéreos, subjetivos, sem contacto com a vida ou sem nela se integrarem como partes ativas do mecanismo social. Mais do que esse período, porém, interessará aos "fans" de Lobato o conhecimento minucioso das suas experiências para chegar a *Urupês* ou *Cidades Mortas.*

Aos jovens escritores de hoje, ou a esses rapazes que datam quinhentas páginas de poesias feitas em dois meses, e que antes da maioridade já ostentam numerosa bagagem literária, o aprendizado do escritor Lobato, que este livro revela, servirá de severa advertência, de preciosa lição. O ex-estudante que em 1904, com o canudo de bacharel debaixo do braço, seguiu para a cidade de Taubaté, talvez já tivesse escrito contos suficientes para encher um ou mais volumes. A publicação de um livro trar-lhe-ia, com toda a certeza, prestígio entre os companheiros que ficavam, garantindo-lhe invejável situação na cidade que o aguardava com o orgulho de mais um filho doutor. Mas ele não tem pressa. Sabe que está irremediavelmente condenado a ser um literato. "Tentei", escreve em junho de 1904, "arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento". Contava então 22 anos de idade. Muitos sonhos enchiam-lhe as noites. Planos não faltavam. Mas ele bem sabe que para se fazer boa literatura é necessário, antes de mais nada, esta coisa simplíssima: viver. "Estamos moços", escreve ao amigo, "e dentro da barca. Vamos partir. Qual é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. Nada de imitar seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos. . . Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir".

É todo um programa esse trecho. Saber sentir, saber ver, saber dizer... Dentro desse tríptico, a coerência do aprendiz de escritor é perfeita. Modelar. Nada o afastará. Nem mesmo as glórias que os primeiros trabalhos lhe trazem.

É fácil ir respigando, aqui e ali, dia a dia, semana a semana, mês a mès, ano a ano, as aquisições feitas, as lições aprendidas e decoradas, os tropeços vencidos. As descobertas que vai fazendo ao longo do caminho são apontadas com a alegria das grandes descobertas, dos grandes achados, ou a constatação melancólica dos rumos errados, dos fracassos em perspectiva. "Na propriedade de expressão está a maior beleza: dizer "chuva", quando chove, "sol", quando soleja. Acho o "percutir" muito de gatilho de espingarda, muito metálico; monjolo é pau e pau que bate noutro não percute, dá um choque balofo". Ou então: "Nos grandes mestres, o adjetivo é escasso e sóbrio – vai abundando progressivamente à proporção que descemos a escala dos valores". Agora uma autocrítica: "Tenho um defeito grave: espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou colocação de transição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros". As ambições são amplas: "Quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever drama. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível com olhos grandes, parados. Contos estopins, deflagradores das coisas, das idéias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo – e que interesse a esse amigo. Tenho examinado os últimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. Nada além de amorecos e adulteriozinhos de Paris. Isso fede. Serão como os de Kipling – com paisagens, árvores, céu, passarinhos, negros. . ." Mas não basta querer. Ele bem o sabe. . . "O meu conto, agora. . . Que tristeza, Rangel! Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos".

Chega o desânimo, a insatisfação, a perspectiva do fracasso: "Sou incapaz de produzir um conto". "Creio que não passo de um cronista". "Hoje, que positivamente já falhei. . ." Foge para a leitura. Devora livros sobre livros. "Ando vogando em Anatole. . ." "Tenho lido um milhão de coisas". Descobre a literatura inglesa e ela o deslumbra. Kipling, Dickens, Shakespeare, Wells . . . Mas os contos continuam não saindo como deseja. Outras fugas, outros derivativos. "Nasci pintor e pintor morrerei, comunica ao amigo, acrescentando: "e mau pintor".

Reside então em Areias, onde é promotor público. "Areias, Rangel! Isto dá um livro a Euclides. Areias, tipo da ex-cidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado". Está longe de pressentir que o lugarejo sem vida, do qual "nem Shakespeare tiraria sequer um título de drama" fornecer-lhe-á motivos para um dos seus mais deliciosos livros. No momento aquilo é um suplí-

cio. Sente-se apodrecer. Somente a leitura o salva. Os livros e a correspondência com o amigo, que lhe é de muito valor como incentivo, "como enchimento do tempo vazio, como ocupação mais nobre do que discutir política na farmácia ou caçar as moscas do imperador Domiciano".

Mas um dia morre-lhe o avô, e ele herda uma fazenda, passando de promotor a fazendeiro. Começa então o contacto direto com a terra, com os pobres caboclos. E aos poucos vai sentindo que algo se está "gestando" nele. "Gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será "algo nuevo". Anota, então, que entre os brasileiros cultos e as coisas da terra há um divórcio absoluto. Não sabe ainda como será toda obra que sente nascer num processo inconsciente. Pensa num romance. Ou numa série de contos e coisas com uma idéia central. "Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho de galinha. . . Já te escrevi sobre isso: e se a idéia volta e insiste é que de fato está se gestando, bem vivinha e será parida no tempo próprio".

A idéia não mais o abandonará. Algumas linhas mestras repontam aqui e ali: o grande incêndio das matas nas queimadas de agosto; a obra de pilhagem e depredação inconsciente do Jeca; a tristeza e depauperamento de uma raça fadada a desaparecer. Observa que a nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que jamais penetraram nos campos. Falseiam o caboclo e sua miséria, tudo colorindo com as tintas róseas de um otimismo criminoso. "Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural". Sente que não é de um livro, e sim de um libelo que a nossa literatura está precisando. O livro sairá quando tiver de sair. "Não procuro escrevê-lo, ele é que tem de formar-se dentro de mim como um tumor". Mas os trabalhos que irão compor *Urupês* ganham contornos, corporificam-se em forma de contos ou crônicas. Primeiro é o artigo "Velha Praga". Depois "Mata-pau". Em seguida "Chóo-Pan". Refaz pela quarta ou quinta vez "Os Faroleiros". Se divulga algum desses trabalhos em revistas ou jornais, é com a intenção de revê-lo mais tarde, pois nada melhor do que a correção em texto já impresso.

A repercussão e o começo de glória que ameaçam envolvê-lo com a divulgação dos primeiros contos, em lugar de estímulos somente servem para refrear-lhe os impulsos. Volta, por uns tempos, a usar os velhos pseudônimos dos tempos de estudante. Agrada-lhe, porém, o efeito produzido pelos artigos. Nele vê um despertar de consciências adormecidas. Resiste, porém, à tentação do livro, que ainda não está maduro. "Não tenho pressa, nem entusiasmo. Já estou muito longe do assanhamento dos 18 anos", afirma em 1917.

O aprendizado fora árduo. As cartas nos dizem que passou uma temporada debruçado no dicionário de Aulete. "O que mais aprecio num estilo é a propriedade exata de cada palavra e para isso temos de travar conhecimento pessoal, direto, com todos os vocábulos, um por um, em demorada, pensada e meditada vocabulação dicionarística". A esse demorado passeio pelo país dos vocábulos, seguem-se outros passeios: a obra de Machado, a centena de volumes de Camilo, Camões, todo o Balzac, Stendhal, Kipling, Euclides – quantos outros mais! Não freqüenta filólogos, preferindo aprender diretamente nos mestres. Confessa sua ignorância em questões gramaticais, afirmando guiar-se pelo tacto e pelo faro, pelo aspecto visual e auditivo da frase. Camilo apaixona-o. Chega mesmo a transformá-lo em base de operações, para as incursões em outros setores. Convida o amigo para um passeio através do mundo camiliano, como "remédio contra o estilo redondo dos jornais, que somos obrigados a ingerir todos os dias. Camilo é laxante. Cada vez que mergulho em Camilo saio lá adiante mais eu mesmo – mais topetudo. E o topete filosófico eu o extraio de Nietzsche". Estranha combinação, na verdade, mas que se harmonizava perfeitamente com o espírito irrequieto, insatisfeito, buliçoso e combativo do panfletário de "Velha Praga". E por isso mesmo contraditório. Tanto assim que logo percebe estar abusando de Camilo, e alerta o amigo: "Abusamos de Camilo como certos sifilíticos abusam do mercúrio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva". Ser aquilo que numa enfática advertência o rapazinho de 22 anos aconselhava: "Seja você mesmo, porque, ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa".

Mas fugir à bitola comum não significa desprezo pelos que nos precederam. Se é verdade que estilos não se fabricam nem se ajustam por influxo de regras, não é menos verdade que o desprezo às experiências e conquistas feitas só denotará ausência de espírito crítico, falta de senso. Aprendendo com os mestres, Lobato não se submete, porém, a eles. Consome anos na procura do meio de expressão mais adequado às suas idéias, pois quer vesti-las decentemente. Refaz quatro ou cinco vezes o mesmo trabalho. Longos romances são reduzidos a exíguos contos. Anota que tanto ele como o amigo estão dando espaço demais ao cenário, com prejuízo das figuras. Quantas outras observações não vai anotando no decorrer dos longos meses de incubação, até o momento em que se sente maduro, com o instrumento já amolado, em forma. A afirmativa feita em 1905 – "ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indígena, ou não dou coisa nenhuma" – vai, enfim,, ser concretizada. *Urupês* está no ponto.

Não é este o lugar para comentários sobre o que se seguiu a barulhenta estréia que foi a publicação desse livro, nem para acompanharmos o autor através dos anos que vieram depois, anos cheios de realizações e glórias, fracassos e de-

cepções. As cartas ora divulgadas mostrarão o que foram as lutas de mestre Lobato, nos vários setores em que empregou sua extraordinária capacidade de trabalho. Indústria de livros, ferro, petróleo, traduções, literatura infantil. . . São capítulos de uma vida a ser contada para exemplo das gerações vindouras.

Por ora, acentuemos tão-somente a lição proporcionada pelo contista, na inquieta busca a que se entregou, de criar um estilo, de erguer uma obra literária que no setor conto só iria encontrar paralelo na de mestre Machado. Que importa se mais tarde ele próprio, no mar das suas contradições, tão humanas e por isso mesmo tão comoventes, abandone o gênero que tantas glórias lhe trouxe? A lição aí está: a árvore deu os frutos esperados! Estas cartas — se tantas outras coisas não nos dissessem de um homem que é uma das mais puras expressões da nossa vida intelectual — serviriam de excelente roteiro aos moços que ora começam e que, deslumbrados pelo êxito fácil, se entregam à ilusória notoriedade das grandes bagagens literárias, como passaporte para a imortalidade. Além de sinceridade e experiência, honestidade e talento, arte é também esforço, é também, principalmente, árduo aprendizado. "Noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração, eis o gênio", dizia Edison.

Que os moços procurem nestas cartas o caminho percorrido pelo mestre, não para imitá-lo ou submeter-se passivamente ao seu modo de ver e de sentir as coisas, mas sim como ponto de partida para outras aquisições e outros feitos. Procurem, sobretudo, não só a lição do *conteur,* mas do mestre da vida, daquele que já no fim da carreira podia escrever ao amigo: "Tenho sido tudo e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser". Insatisfação, inquietude, inconformismo. . .

Ai dos satisfeitos, dos suficientes, dos conformados!. . .



Lobato, diretor da Revista do Brasil, 1922